



Enrique Lorenzo viu frustrada sua carreira de jogador de futebol profissional quando, num safári, um rinoceronte sentou-se em cima de seus joelhos. Agora ele se dedica temporariamente às ilustrações, enquanto espera que lhe transplatem as pernas do Messi.

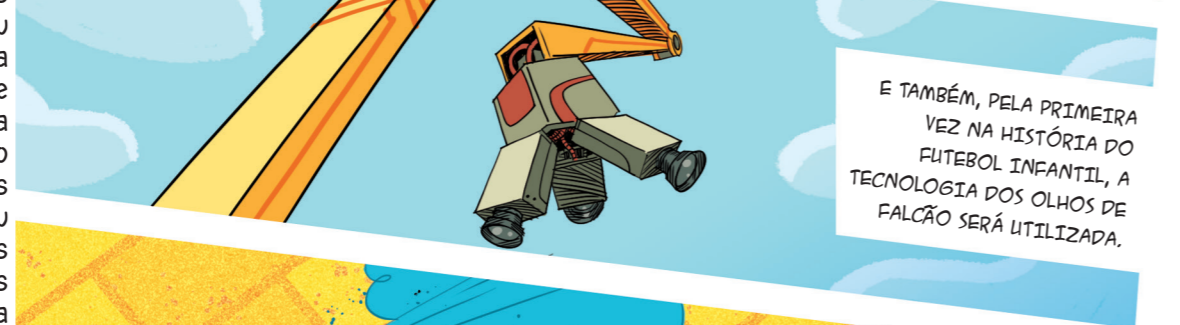


Roberto Santiago tinha treze anos quando ganhou uma medalha com o time de futebol de sua escola, o San Agustín. Mais tarde, escreveu muitos livros e dirigiu alguns filmes, mas ainda sonha com aquela condecoração e os amigos da época, por isso escreveu Os Futebolíssimos.



PELA PRIMEIRA VEZ NA HISTÓRIA, SEVILHOTA VAI SEDIAR UM CAMPEONATO DE NATAL COM QUATRO TIMES MÍTICOS: REAL MADRID, BARCELONA, ATLÉTICO DE MADRID E...

SOTO ALTO!



E TAMBÉM, PELA PRIMEIRA VEZ NA HISTÓRIA DO FUTEBOL INFANTIL, A TECNOLOGIA DOS OLHOS DE FALCÃO SERÁ UTILIZADA.



PORÉM O APARECIMENTO DE PICHACOES ANÔNIMAS SOBRE OS MORADORES DA CIDADE PODE ATRAPALHAR O DESEMPENHO DA EQUIPE DO SOTO ALTO.

QUEM PODERIA SABER DE TANTOS SEGREDOS SOBRE ELES?



ESTE É MAIS UM MISTÉRIO QUE OS FUTEBOLÍSSIMOS VÃO INVESTIGAR!

154291  
ISBN 978-85-418-2292-3  
9 788541 822923

4  
FUTEBOLÍSSIMOS

Roberto Santiago

# OS FUTEBOLÍSSIMOS

O MISTÉRIO DOS OLHOS DE FALCÃO

Roberto Santiago



OS FUTEBOLÍSSIMOS

O MISTÉRIO DOS OLHOS DE FALCÃO



Ilustrações Enrique Lorenzo  
Tradução Alexandre Agabiti Fernandez





# OS FUTEBOLÍSSIMOS

## O MISTÉRIO DOS OLHOS DE FALCÃO

Roberto Santiago

Ilustrações de Enrique Lorenzo

Tradução Alexandre Agabiti Fernandez



sm

Título original: Los Futbolísimos: *El misterio del ojo de halcón*  
© Roberto Santiago, 2014 (texto) e Enrique Lorenzo, 2014 (ilustrações).  
© Ediciones SM, 2014.  
Impresores, 2  
Parque Empresarial Prado del Espino  
28660 Boadilla del Monte (Madri)  
www.grupo-sm.com

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos  
Assistência editorial: Olivia Lima

Preparação: Marcia Menin  
Revisão: Carla Mello Moreira

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar  
Caligrafia: Robson Mereu  
Produção industrial: Alexander Maeda  
Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Santiago, Roberto

Os Futebolíssimos : o mistério dos olhos de falcão / Roberto Santiago ; ilustrações Enrique Lorenzo ; tradução Alexandre Agabiti Fernandez. -- São Paulo : Edições SM, 2019.

Título original: Los Futbolísimos: El misterio del ojo de halcón.

ISBN 978-85-418-2292-3

1. Ficção - Literatura infantojuvenil  
I. Lorenzo, Enrique. II. Título.

19-24728

CDD-028.5

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5  
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

*Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

1ª edição abril de 2019

Todos os direitos reservados a  
EDIÇÕES SM  
Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55  
Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil  
Tel. (11) 2111-7400  
www.edicoessm.com.br









# 1

Foi assim que aconteceu.

Começou a nevar.

Eu estava sozinho, no meio do bosque, com as costas coladas no tronco de uma árvore enorme. Podia ouvir minha respiração agitada.

Olhei para um lado e para o outro.

Não vi ninguém.

Segurava firme minha pistola. Acariciei o gatilho.

Os primeiros flocos de neve caíram na minha cabeça.

Tinha que me apressar, se não quisesse que as coisas se complicassem.



Já era hora de sair, mesmo correndo o risco de ser descoberto.

Respirei profundamente uma, duas, três vezes...

Comecei a correr de novo, a toda a velocidade, com a pistola nas mãos pesando cada vez mais.

Ouvi vozes a poucos metros de distância.

— Ali, ele está ali! — gritaram.

Poucos segundos depois, veio o primeiro tiro.

Passou bem perto de mim. Não me acertou por um triz.

Continuei avançando. Correndo. Entrei numa área onde a vegetação era mais fechada.

Tantas folhas cobriam o chão que eu não sabia onde pisar. Podia haver buracos e armadilhas escondidas.

Mas eu tinha que me arriscar.

Simplesmente continuei correndo.

Mais e mais rápido.

Mesmo assim, as vozes pareciam estar cada vez mais próximas.



Podia ouvir os passos, o ruído dos galhos se quebrando, as vozes agitadas, os gritos.

Eram dois.

Talvez três.

Logo iam me pegar.

Meu tempo estava acabando. Comecei a sentir uma dorzinha na barriga. Era pum. Apertei uma das mãos perto do umbigo e com a outra segurei a pistola, sem parar de correr.

E finalmente a vi.





Lá estava. Bem na minha frente. A alguns metros.  
Passei a manhã inteira à procura dela e agora estava  
diante dos meus olhos.

Corri na sua direção.

Tropecei numa raiz de árvore, fui cambaleando e  
quase caí, mas me apoiei nuns galhos e consegui me ree-  
quilibrar. Me preparei para correr de novo...

Então, me dei conta de que tinha perdido a pistola.

Enquanto procurava entre uns arbustos, ouvi as vozes  
se aproximando.

Fiquei completamente imóvel. Ouvindo a neve cair. E  
também as vozes.

Não tinha mais tempo.

Decidi esquecer a pistola.

Decidi correr.

Decidi ir atrás do meu objetivo.

Sem pensar em mais nada.

Desviei de várias árvores, pulei sobre galhos caídos,  
atravessei o matagal e contornei algumas pedras.

Pisei numa poça e encharquei os pés. Não me  
importei.

Faltava pouco.

Senti os gritos e a respiração deles muito perto, quase  
me alcançando.

Acelerei mais e mais. Mal podia respirar, e minhas  
pernas dóiam como se tivessem enfiado agulhas nelas.

Eu seria o primeiro a chegar.

Estava quase conseguindo.  
Só mais alguns passos...  
Tentaram atirar em mim.  
Então, me joguei na direção do meu objetivo.  
Voei com os braços esticados...  
E a alcancei!  
Segurei a bandeira com as duas mãos...  
E naquele exato momento senti um impacto nas minhas costas.







— Foi antes! — exclamou Camunhas.

— Que besteira! — protestou Toni. — Ele pegou depois, todo mundo viu.

Estávamos em dezembro, só faltavam alguns dias para o Natal. Fazia muito frio na serra e tínhamos passado a manhã inteira correndo pela montanha, procurando uma bandeira preta.

A bandeira que naquele momento eu segurava.

Alicia e Felipe, nossos treinadores do time de futebol, a tinham escondido em algum lugar da mata.

Depois deram uma pistola de tinta para cada um de nós e formaram dois grupos.

Na equipe azul, estavam Aflito, Tomás, Camunhas e Canela, que sou eu.

Na vermelha, Helena, Toni, Marilyn, Anita e Oito.

Todos nós fazemos parte do mesmo time de futebol 7: o Soto Alto.

Naquele ano, tínhamos começado bem mais ou menos no Campeonato Interescolar.

Quer dizer, mais ou menos, não. Tínhamos começado muito mal.

Nove jogos disputados, nove derrotas.

Uma depois da outra.

Ninguém conseguia explicar por quê.

Não somos o melhor time da região, mas perder todos os jogos?!

Nunca tinha acontecido algo assim com a gente.

E justamente naquele ano, em que nós tínhamos grandes expectativas.

— Temos grandes expectativas na equipe — havia falado Estevão, o diretor da escola.

Mas até aquele momento tínhamos perdido os nove primeiros jogos do campeonato.

Um recorde negativo.

Então, Alicia e Felipe decidiram que precisávamos recuperar o espírito de equipe.

Por isso organizaram a batalha na mata.

Uma batalha de *paintball*, disparando bolas de tinta a manhã inteira sob o frio e a neve.



— Vocês têm que lutar juntos por um objetivo comum — explicou Felipe.

— Lembrem que vocês são uma verdadeira equipe — completou Alícia.

— Mas como vamos ser uma verdadeira equipe se temos que acertar bolas de tinta uns nos outros? — perguntou Afrito.

— Bom, vocês são duas equipes, mas ao mesmo tempo uma equipe só — respondeu Felipe.

— É isso — falou Alícia —, uma equipe com sacrifício, com esforço...

— ... e com bolas de tinta — acrescentou Camunhas.

— Exatamente — concluiu Felipe.

E a batalha começou.





Ganhava a primeira equipe que conseguisse encontrar e pegar a bandeira preta.

O problema era que quem fosse atingido por uma bola de tinta estava eliminado.

E a discussão era justamente essa.

Eu tinha pegado a bandeira antes ou depois de me acertarem a bola de tinta?

— Antes, ele pegou antes! — gritou Tomás.

— Ele recebeu a bola de tinta nas costas e depois pegou a bandeira, todo mundo viu! — protestou Marilyn. — Vimos ou não vimos?

No ônibus de volta à escola, a discussão continuou.

— Pessoal, o importante foi a atividade em si — afirmou Alícia —, não quem ganhou.

— Sim, claro — reclamou Anita. — Você diz isso porque não passou a manhã toda levando sustos na montanha e desviando de bolas de tinta.

— Vocês são os treinadores, têm que dizer quem ganhou — falou Toni, muito sério.

Levantamos a cabeça e olhamos para Felipe e Alicia.

Eles estavam na parte da frente do ônibus.

Os dois se viraram para nós, com um sorriso de orelha a orelha.

Depois se entreolharam.

— Bom, na verdade... — começou Felipe.

— Na verdade, é totalmente impossível saber — completou Alicia.

— O quê?! — exclamou Camunhas.

— Mas deve ter algum jeito de saber — disse eu.

— Não temos vídeo com câmera lenta para confirmar — explicou Alicia.

— Assim não vale! — protestou Oito. — Tanta conversa e no fim nem sabemos quem ganhou...

— Nós ganhamos — afirmou Toni. — A bola de tinta acertou as costas do Canela antes de ele conseguir pegar a bandeira...

— Foi um tiro pelas costas, traiçoeiro — argumentou Camunhas —, e ele já tinha pegado a bandeira...

E a discussão começou de novo.

Camunhas é meu melhor amigo, só que é muito teimoso e nunca aceita perder.

Enquanto todos continuavam discutindo, Helena, que, para quem não sabe, é minha vizinha, artilheira do time e a menina que tem os maiores olhos de todo o colégio, se aproximou de mim e disse, quase sussurrando:

— Deveria existir um sistema na vida para ver em câmera lenta as coisas que aconteceram com a gente. Você não acha, Canela?

— Hãããã, sim... Acho que sim — balbuciei, para dizer alguma coisa.

— Se você pudesse escolher agora mesmo um momento da sua vida para voltar a ver em câmera lenta, qual seria? — perguntou ela.

— Bom...

Olhei para ela e pensei que, se eu pudesse voltar a ver um momento da minha vida em câmera lenta, não seria quando peguei a bandeira na montanha, nem quando ganhamos o torneio de futebol no verão passado, nem mesmo quando o time se salvou do rebaixamento no último segundo... Se tivesse que escolher um momento só, talvez fosse o do primeiro beijo da minha vida.

Aquele que Helena tinha me dado no campo de futebol à meia-noite alguns meses antes.

Foi o que pensei.

— E aí? Que momento você escolheria, Canela? — insistiu Helena.

Olhei para ela e respondi:

— Não tenho certeza, mas acho que escolheria o mo-



mento em que marquei o gol de pênalti e nos salvamos do rebaixamento no último segundo...

Ela sorriu e disse:

— Sim, claro.

Quando Helena olha para você com seus olhos enormes, parece que ela tem superpoderes e pode ler sua mente.

— Nós ganhamos e não se fala mais nisso! — exclamou Marilyn.

A discussão continuava no ônibus.

Mas, naquela hora, eu não me importava nem um pouco com a bandeira nem com as boladas de tinta.

— Não quero ser chato — disse Aflito, que sempre vê o lado negativo de todas as coisas —, mas com essa história de *paintball*, em vez de recuperar o espírito de equipe, vamos acabar conseguindo exatamente o contrário...

Dessa vez, Aflito tinha razão.

Felipe e Alicia tentavam acalmar o pessoal, mas não tinha jeito.

A discussão continuou...



Olhei pela janela. A neve ainda caía.

Então, aproveitei para ver as mensagens no meu celular.

14:02 Francisco, quando você voltar, arrume a cama.

14:04 Francisco, lembre-se de regar as plantas, que estão murchando.

14:15 Bom, é melhor não as regar, porque, se você jogar água demais, elas se afogam.

